



VOLUME - V.2

NÚMERO - N.1

DEZ. - 2024

ISSN: 2966-1439

P.61-82

AS VARIANTES PREPOSICIONADAS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NO RIO DE JANEIRO:

PERCEPÇÕES DE IDENTIDADE E CLASSE SOCIAL

PREPOSITIONAL VARIANTS OF SECOND PERSON SINGULAR IN RIO DE JANEIRO:
PERCEPTIONS OF IDENTITY AND SOCIAL CLASS

Thaissa Frota Teixeira de Araújo Silva¹

Thiago Laurentino de Oliveira²

RESUMO:

No presente artigo, discutimos a variação das formas preposicionadas de segunda pessoa do singular na variedade carioca do português brasileiro, investigando a percepção das variantes *pra você*, *pra ti* e *pra tu*. Adotamos os fundamentos teóricos da Sociolinguística variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) em diálogo com os estudos de terceira onda (Eckert, 2012), que dedicam maior atenção para os significados sociais da variação. Como metodologia, utilizamos a abordagem experimental e construímos um questionário de avaliação segundo a técnica de estímulos pareados (*“matched-guise”*, cf. Lambert *et al.*, 1960). Dentre os resultados principais, verificamos haver associações entre as variantes e índices relativos à identidade local (ser do Rio de Janeiro) e classe social (morar em certas regiões da cidade, ter maior/menor poder aquisitivo e escolaridade).

¹ Licenciada em Letras (Português-Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018) e mestra em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ (2020). Atuou como Professora Substituta de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ (2022-2023). Atualmente, é doutoranda em Letras Vernáculas pela mesma instituição e pesquisadora do Laboratório de sociolinguística e interfaces (SOCIOLINT), cadastrado no DGP/CNPq. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

² Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9537-5264>. E-mail: thiagolaurentino@letras.ufrj.br

Palavras-chave: Percepção sociolinguística. Significados sociais. Formas preposicionadas. 2ª pessoa do singular.

ABSTRACT:

In this article, we discuss the variation of second person singular prepositional forms in Brazilian Portuguese (Rio de Janeiro city), investigating the perception of the variants *pra você*, *pra ti* and *pra tu*. We adopted the theoretical foundations of variationist sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) in dialog with third-wave studies (Eckert, 2012), which pay more attention to the social meanings of variation. As a methodology, we used the experimental approach and constructed an evaluation questionnaire using the matched-guise technique (Lambert et al., 1960). Among the main results, we found associations between the variants and indexes relating to local identity (being from Rio de Janeiro) and social class (living in certain regions of the city, having higher/lower purchasing power and schooling).

Keywords: Sociolinguistic perception. Social meanings. Prepositional forms. 2nd person singular.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos as variantes preposicionadas de segunda pessoa do singular (2SG) na variedade carioca e investigamos a percepção que os falantes cariocas apresentam sobre essas construções. Adotamos os fundamentos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) e uma abordagem experimental, dialogando com a proposta dos estudos sociolinguísticos de terceira onda (Eckert, 2012), que apresentam um olhar mais direcionado para os significados sociais da variação. Consideramos que as variantes preposicionadas de 2SG na variedade carioca possam ser divididas da seguinte forma: as construções com *preposição + você* são associadas ao paradigma de *você*, enquanto as construções com *preposição + ti*, *preposição + tu* e *contigo* são associadas ao paradigma de *tu*.

Apresentamos, em (1-4), alguns exemplos dessas variantes preposicionadas de 2SG³:

1. Guardei os livros no armário *pra você ~ pra ti ~ pra tu*.
2. Lembrei *de você ~ de ti ~ de tu*.
3. Essa roupa não cabe *em você ~ em ti ~ em tu*.
4. Quero estar *com você ~ contigo ~ com tu*.

Com relação à variedade carioca, os estudos descritivos diacrônicos e sincrônicos sobre as variantes preposicionadas de 2SG têm apontado: (i) uma ampla substituição de *preposição + ti* por *preposição + você* (Oliveira, 2014; Silva, 2020); (ii) a resistência de *contigo*, uma forma conservadora do paradigma de *tu* (Silva, 2020); (iii) ocorrências escassas de *tu* nominativo preposicionado em contextos de maior informalidade (Lima, 2013; Firmo e Oliveira, 2024). Desta maneira, direcionamos a nossa análise para a investigação da percepção que os falantes da região metropolitana do Rio de Janeiro apresentam com relação às variantes preposicionadas de 2SG. Tendo em vista a multiplicidade de variantes preposicionadas de 2SG, nosso primeiro passo foi a elaboração de um questionário com a técnica dos estímulos pareados (*matched-guise*, cf. Lambert *et al.*, 1960) utilizando apenas variantes de 2SG introduzidas com a preposição *pra* em predicação verbal.

Estruturamos o presente artigo da seguinte maneira: além desta introdução, na seção 2, fazemos uma breve revisão sobre o tema e descrevemos as variantes em análise; na seção 3, apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa; na seção 4, detalhamos a metodologia experimental utilizada; na seção 5, discutimos os resultados obtidos a partir do experimento; para finalizar, na seção 6, sintetizamos as conclusões principais da investigação realizada.

³ As frases foram elaboradas utilizando como base exemplos extraídos dos estudos de *corpus* de Lima (2014), Silva (2020) e Firmo e Oliveira (2024).

2 A VARIAÇÃO *TU* E *VOCÊ* E AS FORMAS PREPOSICIONADAS DE 2SG

O exame das variantes preposicionadas de 2SG nos revela que estas formas estão inseridas em um contexto de variação mais amplo, a alternância entre as formas *tu* e *você* para referência ao interlocutor. Quando *você* passa a ocorrer nos mesmos contextos que *tu*, há uma reorganização do quadro pronominal do PB, que passa a ser composto por um paradigma híbrido, ou seja, as formas de *tu* e as formas de *você* se fundem para referência à 2SG.

O paradigma de *tu*, considerado o original e mais antigo, apresenta as formas *tu*, *te*, *ti* e *contigo*, que advém dos pronomes latinos *tu* (nominativo), *te* (acusativo, ablativo), *tibi* (dativo) e *tecum* (ablativo preposicionado). Câmara Jr. (1979) destaca, no entanto, que as formas pronominais do PB não desempenham exatamente as mesmas funções que os seus correspondentes latinos. O clítico *te*, reflexo do *te* acusativo-ablativo latino, desempenha no PB as funções de objeto direto e indireto (acusativo-dativo). Já a forma *ti*, que no PB é obrigatoriamente preposicionada, tem origem na forma dativa *tibi* do latim vulgar. No entanto, em português brasileiro, ela pode desempenhar funções que reúnem casos do dativo, ablativo e genitivo latinos (cf. Oliveira, 2014; Silva, 2020). Com relação à forma *contigo*, Câmara Jr. (1979) aponta que a aglutinação do ablativo *te* mais a preposição *cum* formava *tecum*. Desgastes fonéticos resultaram em *tigo* e o valor da preposição *cum* foi se perdendo. Aglutinou-se, então, a esse radical a preposição *com* formando *contigo*.

Com relação ao paradigma de *você*, destacamos que essa variante é resultado da gramaticalização da forma de tratamento *Vossa Mercê*, inicialmente usada para referência ao rei. No decorrer dos séculos, essa forma vai expandindo seu escopo de uso para o tratamento não íntimo de forma intensa. No entanto, entre os séculos XVI e XVIII, *Vossa Mercê* se torna arcaico e a rival abreviada se torna dominante (cf. Faraco, 2017). No Brasil, entre os fins do século XIX e no decorrer do século XX, *você* gradualmente começa a ocupar os espaços de *tu* e é inserido efetivamente para referência à 2SG também no tratamento íntimo (cf. Lopes *et al.*, 2018). O quadro 1

ilustra de forma resumida as formas de tratamento empregadas no decorrer dos séculos no escopo da intimidade e da cortesia:

Quadro 1 - Sistema de tratamento de 2ª pessoa formal (V) e informal (T) na posição de sujeito: quatro etapas evolutivas

Estágios	I	II	III	IV
Séculos	Até XIV /XV	XV – XVIII/XIX	Fim do XIX - XX	XX – XXI
Intimidade [- formal] (T)	Tu ->	-> Tu	-> Tu	-> Tu
				↗ Você
Cortesia [+ formal] (V)	Vós ->	-> Vós	Você	O/A senhor (a)
		Vossa Mercê ->		

Fonte: Lopes *et al.* (2018, p. 145)

A configuração desse paradigma híbrido tem sido amplamente estudada com maior destaque para a posição de sujeito (Machado, 2006; Souza, 2012, Carvalho, 2019), enquanto as demais funções sintáticas têm sido menos exploradas. Apesar disso, alguns trabalhos vêm sendo desenvolvidos com relação às formas pronominais de 2SG em diferentes contextos morfossintáticos. Considerando que o foco deste artigo são as estruturas preposicionadas, destacamos os estudos de Oliveira (2014) e Silva (2020), que analisaram, respectivamente, as variantes dativas e oblíquas de 2SG em cartas pessoais dos finais do século XIX e no decorrer do século XX.

Oliveira (2014) analisou como o complemento dativo se manifesta em referência à 2SG. Em um *corpus* formado por cartas fluminenses, entre fins do século XIX e no decorrer do século XX, o autor identificou como variantes dativas os clíticos *te* e *lhe*, os sintagmas preposicionados *a ti*, *para ti*, *a você* e *para você*, e ainda o objeto nulo (sem realização fonética). Os resultados obtidos apontam que o clítico *te* foi a variante mais utilizada, alcançando 57,2% da amostra (464 dados), seguida pelo objeto nulo, com 22,3% (181 dados), e pelo clítico *lhe* com 11,3% (92 dados). As estratégias preposicionadas não alcançaram 5% da amostra, sendo contabilizados:

28 dados de *para você* (3,4%), 22 dados de *a ti* (2,7%), 21 dados de *a você* (2,6%) e 3 dados de *para ti* (0,4%). Contudo, apesar da baixa ocorrência, Oliveira (2014) verificou que, no terceiro e último período de tempo analisado (1956-1980), não foram encontradas ocorrências de *pra ti* e *a ti*. Dessa forma, há evidências de que o pronome tônico *ti* foi amplamente substituído por estratégias do paradigma de *você*.

Silva (2020) analisou, em um *corpus* de cartas fluminenses de fins do século XIX e decorrer do século XX, as variantes oblíquas de 2SG - constituintes obrigatoriamente preposicionados e não substituíveis por clíticos. A autora identificou usos de *contigo* e *preposição + ti* como formas pertencentes ao paradigma de *tu* e *preposição + você* como formas pertencentes ao paradigma de *você*. As estratégias *preposição + ti* e *contigo* alcançaram 61% da amostra (220 dados) e *preposição + você*, 39% (141 dados). Esses percentuais podem indicar preferência pelo paradigma de *tu*, no entanto, ao observar a distribuição em períodos de tempo (cf. Tabela 1), a autora verificou que, no último período, as formas do paradigma de *você* são as mais frequentes. Além disso, as ocorrências do paradigma de *tu* no último período foram majoritariamente representadas por *contigo*.

Tabela 1 - Distribuição das formas oblíquas pelos paradigmas de *tu* e de *você* em cada fase

Paradigma	Fase 1 (1870-1889) <i>+ tu</i>	Fase 2 (1900-1939) <i>tu ~ você</i>	Fase 3 (1940-1989) <i>+ você</i>
<i>Tu</i>	70/74 94.6%	142/231 61.5%	8/56 14.3%
<i>Você</i>	4/74 5,4%	89/231 38,5%	48/56 85.7%

Fonte: Adaptado de Silva (2020, p.106)

Dessa forma, os estudos de Oliveira (2014) e Silva (2020) sobre a escrita fluminense destacam que, entre as estruturas preposicionadas, independentemente da função sintática, as formas do paradigma de *você* substituíram em larga escala as estruturas preposicionadas com o pronome tônico *ti*.

Tendo em vista a discussão sobre a formação do paradigma variável de 2SG e os estudos diacrônicos de Oliveira (2014) e Silva (2020), consideramos como variantes preposicionadas do paradigma de *você* as construções de *preposição + você*. Com relação ao paradigma de *tu*, há uma variedade maior de formas:

observamos as construções de *preposição + ti* e *contigo*. Esses estudos, entretanto, estavam restritos à escrita epistolar dos séculos XIX e XX, o que justifica a não ocorrência de uma variante inovadora nos *corpora* analisados: a construção de *preposição + tu*. Trabalhos mais contemporâneos, baseados em dados sincrônicos, atestam usos dessa variante.

Lima (2013), ao analisar a variação *tu* e *você* na escrita digital carioca, encontrou ocorrências de *tu* como complemento, incluindo exemplos com a forma preposicionada (cf. 5 e 6). Do mesmo modo, no trabalho de Firmo e Oliveira (2024), que analisa as variantes de 2SG em telenovelas brasileiras, também foram encontradas ocorrências de *tu* preposicionado (cf. 7 e 8). Os autores observaram a presença da variante *pra tu* em contextos de fala masculina, em tom de deboche/ironia, entre interlocutores mais próximos e afastados do eixo Centro-Zona Sul Rio de Janeiro, áreas nobres da capital fluminense.

5. “Tava ouvindo Bread, aí lembrei **de tu**.”

6. “Po mó sacanagem nego me cortou quando ia mandar abraço **pra tu**”.

7. “Que que isso, hein? Que que esses limão fez **pra tu** pra merecer essa surra que tu tá dando nele?”.

8. Fica com o Roni **pra tu** e deixa a Suelen pra galera.

Os estudos mencionados, no entanto, são desenvolvidos a partir de análises de *corpus*. Consideramos, então, que é relevante destacar um estudo realizado para a posição de sujeito que buscou explorar e investigar a percepção das variantes de 2SG no Rio de Janeiro. Carvalho (2019) observou através de uma tarefa experimental de Julgamento de aceitabilidade que os falantes cariocas percebem *você* como adequado em diversos contextos sociointeracionais, enquanto *tu* é percebido como mais adequado em relações simétricas do que assimétricas. A autora também investigou os significados sociais associados às variantes e, a partir de um questionário com a técnica de estímulos pareados, encontrou evidências de que *tu* indexaliza *carioquice* e *informalidade*, enquanto o uso variável *você~tu*

indexicaliza *carioquice, juventude, informalidade e intimidade*.

Dessa forma, para obter mais informações a respeito da dinâmica que envolve a variação das construções preposicionadas de 2SG – em todas as ocorrências possíveis –, optamos por investigar quais são os significados sociais que se correlacionam a essas estruturas na variedade do Rio de Janeiro.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Adotamos a Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) como fundamentação teórica do presente estudo. Destacamos o Princípio da *Heterogeneidade Ordenada*, segundo o qual as línguas variam, mas não de forma caótica e desordenada. Para os autores, para um enunciado A há um enunciado B que diz a “mesma coisa”, com o mesmo conteúdo referencial, e todos os falantes teriam acesso a ambos os enunciados, mesmo que apenas a nível de interpretação, ou seja, mesmo que todos os falantes não façam uso das duas formas distintas, eles têm conhecimento para compreendê-la. Dessa forma, assumimos que as formas variantes *preposição + você, preposição + pra ti e preposição + tu* apresentam o mesmo conteúdo referencial, sendo utilizadas pelos falantes a depender de fatores linguísticos e sociais.

Ao tratar da variação e da mudança linguística, Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) discorrem sobre o *Problema da avaliação*, que reflete sobre como a percepção e os julgamentos dos falantes podem impulsionar ou frear um processo de mudança linguística. Labov (2008 [1972]) faz uso de *testes de reação subjetiva* com intuito de observar a sensibilidade dos falantes a fenômenos fonológicos no inglês, relacionando-os a diferentes classes sociais. Dessa forma, concluímos que analisar a percepção/avaliação de falantes com relação a fenômenos variáveis não constitui uma novidade para a Sociolinguística. Entretanto, a maneira como abordamos essa questão pode ser considerada como uma tendência mais recente dentro dos estudos da área.

Além disso, buscamos dialogar com a chamada terceira onda da

Sociolinguística, uma tendência nos estudos variacionistas que concebe a variação como “um reflexo das identidades e categorias sociais para a prática linguística em que os falantes se localizam na paisagem social através da prática estilística” (Eckert, 2012, p. 94).⁴ Nessa perspectiva, o processo dinâmico de revalidação dos índices sociais vinculados às formas linguísticas acontece na prática estilística, em que os falantes executam movimentos sóciossemióticos e reinterpretem as variáveis, (re)combinando-as continuamente. Esse processo seria a *mutabilidade indexical* (Eckert, 2012, p. 94).

Hall-Lew, Moore e Podesva (2021), no capítulo introdutório do livro *Social Meaning and Linguistic Variation* (“Significado social e variação linguística”), visam contribuir para o avanço da teoria da Sociolinguística, esclarecendo os objetivos e as premissas que envolvem os estudos que se inserem na terceira onda da Sociolinguística. Dentre os conceitos explicitados no capítulo, destacamos em primeiro lugar o *significado social* e a *indexicalidade*. Para os autores, “significado social é o conjunto de inferências que podem ser estabelecidas com base em como a língua é utilizada em uma interação específica”⁵ (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021, p.3). Além disso, os autores apontam que

[...] enquanto todas as formas linguísticas têm potencial para veicular significado social, uma forma apenas o faz quando nosso sistema de ideias e crenças cria uma conexão entre a forma e um tipo de significado social (como postura, *persona*, ou tipo social). Este é o processo de **indexicalidade**, como articulado na antropologia linguística.⁶ (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021, p. 5, grifo dos autores).

Hall-Lew, Moore e Podesva (2021) também destacam que os métodos experimentais de avaliação social têm sido comumente utilizados por

⁴ Do original: “a reflection of social identities and categories to the linguistic practice in which speakers place themselves in the social landscape through stylistic practice” (ECKERT, 2012, p. 94).

⁵ Do original: “social meaning is the set of inferences that can be drawn on the basis of how language is used in a specific interaction” (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021, p. 3).

⁶ Do original: [...] while all linguistic forms have the potential to signify social meaning, a form only does so when our system of ideas and beliefs creates a link between the form and a type of social meaning (such as stance, persona, or social type). This is the process of **indexicality**, as articulated in linguistic anthropology.” (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021, p. 5).

sociolinguistas e que estes tipicamente utilizam a forma do *matched-guise study*. Seguindo essa prática metodológica, optamos pela realização de um questionário utilizando a técnica de estímulos pareados (*matched-guise*), que descrevemos na próxima seção. Sendo assim, ancorados nesses princípios e conceitos de orientação sociolinguística, objetivamos investigar os significados sociais associados às variantes preposicionadas de 2SG pelos falantes cariocas a partir dos diferentes índices sociais.

4 METODOLOGIA

Conforme já pontuamos nas seções precedentes, adotamos, nesta pesquisa, uma abordagem experimental. Para analisar a percepção e a avaliação dos falantes acerca das variantes preposicionadas de 2SG, elaboramos um questionário a partir da técnica dos estímulos pareados (em inglês, “*matched-guise*”), desenvolvida por Lambert *et al.* (1960). Drager (2014) destaca que essa técnica consiste em apresentar pares de estímulos produzidos por um mesmo falante, mas que variam em algum domínio. No mesmo sentido, Oushiro (2021) afirma que a tarefa com *matched-guise* tem sido um dos métodos indiretos mais utilizados nos estudos sobre percepção. Segundo a linguista,

A técnica consiste no controle das variáveis que podem ter influência sobre as percepções dos falantes, criando-se pares de estímulos idênticos em todos os aspectos exceto pelo traço sob enfoque. No experimento original, quatro bilíngues canadenses leram um mesmo texto de natureza filosófica em inglês e em francês, de modo a controlar o efeito do conteúdo das mensagens sobre as percepções dos ouvintes. (...) A “lógica” por trás da técnica é que se um mesmo falante for avaliado diferentemente a depender de se ouvido no disfarce em inglês ou em francês, tais diferenças podem ser atribuídas a atitudes quanto à língua empregada, não ao falante em si. (Oushiro, 2021, p. 329-330)

No nosso questionário, quatro falantes nativos do português brasileiro, pertencentes à variedade do Rio de Janeiro, gravaram o mesmo enunciado apenas alterando a variante preposicionada produzida na frase. A tarefa dos participantes consistia em ouvir esse enunciado em versões diferentes, produzidas pelos quatro

falantes, e preencher o questionário com as suas impressões sobre a pessoa ouvida. Para este questionário, utilizamos apenas construções envolvendo a preposição *pra*. A seguir, estão as três versões do enunciado utilizado:

Versão 1: Oi, as encomendas chegaram aqui hoje de manhã. Vou guardar ***pra você***.

Versão 2: Oi, as encomendas chegaram aqui hoje de manhã. Vou guardar ***pra ti***.

Versão 3: Oi, as encomendas chegaram aqui hoje de manhã. Vou guardar ***pra tu***.

Os estímulos foram gravados por dois falantes homens e duas falantes mulheres, com idade entre 24 e 36 anos, totalizando 12 estímulos, que foram divididos em dois grupos conforme o quadro 2. Leia-se H como falante Homem, M como falante Mulher, V como variante *pra você*, Ti como variante *pra ti* e Tu como variante *pra tu*.

Quadro 2. Distribuição de falantes/estímulos por questionário

Questionário A	H1V	M1Ti	H2Tu	M2V	H1Ti	M1Tu
Questionário B	H2V	M2Ti	H1Tu	M1V	H2Tu	M2Tu

Fonte: elaboração própria

Os questionários foram construídos no *Google Forms*, sendo compostos por quatro seções: na primeira, havia a coleta da declaração de consentimento de participação; na segunda, foram coletadas informações dos participantes, como: sexo/gênero, idade, local de nascimento e moradia, escolaridade e profissão; na terceira, cada participante escutava seis estímulos e avaliava os falantes de acordo com dez índices sociais após o comando “Essa pessoa parece...”; na quarta e última seção, foram recolhidas breves considerações de cada participante com relação ao contexto/situação em que ele imaginaria a ocorrência do enunciado apresentado e ao uso das variantes *pra ti* e *pra tu*.

Os significados sociais eram apresentados de forma pareada (cf. Figura 1) através de uma escala em que um extremo era associado a 1 e o outro extremo, a 5,

tendo por base o estudo de Carvalho (2019) para a posição de sujeito. Dos dez índices sociais controlados, comentaremos, neste artigo, os resultados referentes a cinco deles: *Pouco/Muito carioca*; *Morar longe do subúrbio/Morar no subúrbio*; *Morar fora da favela/Morar em favela*; *Ter pouco/muito dinheiro*; *Ter pouco estudo/muito estudo*⁷.

Figura 1. Apresentação do estímulo e índices *Pouco/ Muito carioca* e *Morar longe do subúrbio/ no subúrbio*

FALANTE 1

Essa pessoa parece...

Pouco carioca 1 2 3 4 5 Muito carioca

Morar longe do subúrbio 1 2 3 4 5 Morar no subúrbio

Fonte: elaboração própria

Nossas previsões eram de que a variante *pra você* seria associada ao índice *Muito carioca*, sendo avaliada, porém, de forma mais neutra com relação aos demais significados sociais. Já a variante *pra ti* não seria reconhecida como pertencente à

⁷ Os demais índices controlados foram: *Pouco/Muito formal*; *Pouco/Muito íntima*; *Pouco/Muito gentil*; *Pouco/Muito masculina ou feminina*; *Pouco/Muito jovial*.

variedade carioca, o que geraria uma associação maior com o índice *Pouco carioca*. Além disso, esperávamos que essa variante se distanciasse dos índices relativos às classes sociais mais baixas. Por fim, para a variante *pra tu*, as expectativas eram de alto grau de associação ao índice *Muito carioca* e aos índices vinculados às classes sociais mais baixas.

Os questionários foram aplicados remotamente a 61 participantes (37 para o questionário A e 24, para o questionário B). Desses, 45 se identificaram como sendo do gênero feminino e 15 do gênero masculino, além de 1 pessoa não-binária. A maioria deles nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. Quanto à escolaridade, 9 deles afirmaram ter ensino médio completo, 46, ensino superior incompleto e 6, ensino superior completo.

Para realizar a análise dos dados experimentais, as respostas dos participantes foram organizadas em uma planilha do *Excel* e, posteriormente, receberam tratamento estatístico na plataforma R. Passemos, na seção subsequente, à análise e discussão dos resultados obtidos para os cinco índices sociais em foco.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

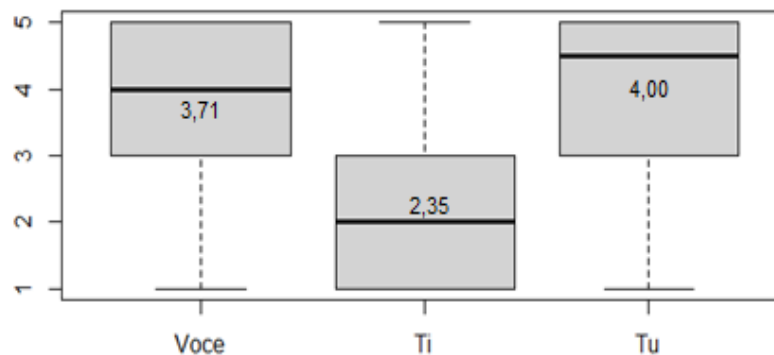
Na exposição dos resultados obtidos, utilizamos os gráficos de caixa – *BoxPlots* – para visualizar a distribuição das avaliações acerca das variantes pela escala de cinco pontos. Esse gráfico resume valores de estatística descritiva importantes, tais como a concentração e a dispersão de notas atribuídas, além das medidas de tendência central, como a média e a mediana.

Além da estatística descritiva, também realizamos análises estatísticas inferenciais, a fim de verificar se houve diferenças significativas entre as condições experimentais. Para tanto, adotamos o teste de Kruskal-Wallis, um teste não paramétrico que possibilita a comparação entre três ou mais amostras independentes. Esse teste também é indicado para tarefas experimentais cujas variáveis dependentes são de natureza ordinal, como é o caso da escala de cinco pontos inserida nos questionários do experimento proposto.

5.1 PERCEPÇÕES EM RELAÇÃO À IDENTIDADE CARIOCA

Carvalho (2019), ao investigar a percepção de falantes cariocas com relação às formas de 2SG na posição de sujeito, elaborou um questionário com a técnica *matched-guise* e propôs o índice *Pouco/Muito carioca*. A autora verificou que enunciados com as formas *você; tu* (sem concordância) e *você~tu* levaram os falantes a serem considerados como *muito cariocas*. Com o objetivo de verificar como as variantes preposicionadas são percebidas em relação à identidade carioca, também utilizamos este índice. Era esperado que as variantes *pra você* e *pra tu* fossem consideradas mais cariocas do que a variante *pra ti*. No Gráfico 1, temos os resultados com relação a essa escala:

Figura 2. Distribuição da escala *Pouco/ Muito carioca*



Fonte: elaboração própria

Como podemos perceber, as variantes *pra você* e *pra tu* apresentam uma concentração de notas na escala entre os pontos 3 e 5. Apesar disso, vemos que a avaliação dessas formas difere quanto às médias registradas: 4.00 com *pra tu* e 3,71 com *pra você*. Por outro lado, para a variante *pra ti*, observamos um padrão oposto, uma vez que a concentração de notas fica na parte inferior da escala, entre os pontos 1 e 3. Além disso, *pra ti* é a forma que registra a menor média: 2,35.

Ao submeter esses dados a uma análise estatística inferencial, através do

teste de Kruskal-Wallis, verificamos que: em termos gerais, houve diferenças significativas na avaliação das variantes em relação ao índice de *identidade carioca* ($\chi^2 = 84,36$, $p < 0,001$); as diferenças observadas entre as variantes *pra ti* e *pra você* ($\chi^2 = 7,63$, $p < 0,001$) e *pra ti* e *pra tu* ($\chi^2 = 9,99$, $p < 0,001$) foram significativas; já a diferença entre os valores observados na comparação entre as variantes *pra você* e *pra tu* não foi significativa ($\chi^2 = 2,34$, $p = 0,06$).

Tais resultados confirmaram as nossas previsões, já que os falantes foram percebidos como sendo “mais cariocas” quando, nos áudios, utilizavam as variantes *pra você* e *pra tu*. Em contrapartida, quando produziam a variante *pra ti*, a percepção de identidade carioca foi significativamente menor.

5.2 PERCEPÇÕES EM RELAÇÃO À CLASSE SOCIAL

Para verificar significados sociais que fossem direta ou indiretamente relacionados à classe social, elencamos diferentes índices, como *moradia em relação ao subúrbio*, *moradia em relação à favela*, poder aquisitivo (ter pouco/muito dinheiro) e *escolaridade* (ter pouco/muito estudo).

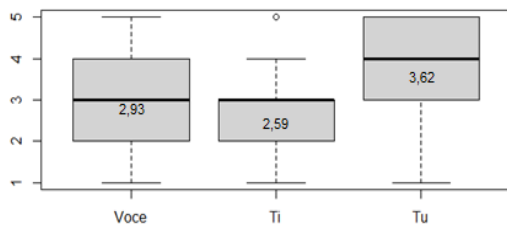
5.2.1 Moradia em relação ao subúrbio e à favela

As diferentes regiões da cidade, como o subúrbio e a favela, podem gerar diversas associações relacionadas à classe social, uma vez que áreas periféricas costumam ser ocupadas por indivíduos de classes sociais mais baixas. Dessa forma, propusemos o controle dos índices *Morar longe do subúrbio/Morar no subúrbio*; *Morar fora da favela/Morar em favela*, para verificar se as variantes preposicionadas de 2SG são associadas ou não a essas regiões da cidade.

A marcação do ponto 1 da escala indica que os falantes foram percebidos como pessoas que moram longe do subúrbio e fora da favela; já a escolha do ponto 5 indica a associação com moradores de subúrbio e favela. Nossa expectativa era de

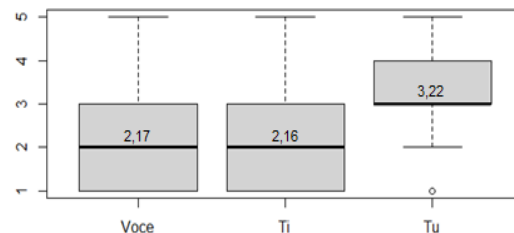
que a variante *pra você* seria analisada de forma neutra, a variante *pra tu*, mais associada a morar no subúrbio e em favela e a variante *pra ti*, a morar longe do subúrbio e fora de favela. Apresentamos, nas figuras 3 e 4, os resultados com relação a essas escalas:

Figura 3. Distribuição da escala *Morar longe do subúrbio / Morar no subúrbio*



Fonte: elaboração própria

Figura 4. Distribuição da escala *Morar fora da favela / Morar em favela*



Fonte: elaboração própria

A análise dos gráficos indica que a variante *pra você* tem concentração entre os pontos 2 e 4 da escala *morar longe do/no subúrbio*. Por outro lado, a variante foi mais associada a *morar fora de favela*, com concentração entre os pontos 1 e 3 da escala. Quanto à variante *pra ti*, observamos que, para o índice *moradia em relação ao subúrbio*, a concentração de notas está entre os pontos 2 e 3 e média inferior à registrada para *pra você*. Já para o índice *moradia em relação à favela*, a concentração fica entre os pontos 1 e 3 da escala e média aproximada a de *pra você*. Na análise estatística, foi observado que não houve diferenças significativas entre *pra você* e *pra ti* nos índices *moradia em relação ao subúrbio* ($\chi^2 = 2,35$, $p = 0,06$) e à *favela* ($\chi^2 = 0,01$, $p = 1$).

Em contrapartida, observamos que a distribuição da variante *pra tu* na escala difere das demais estratégias. No índice *moradia em relação ao subúrbio*, o padrão de notas dessa variante se concentra entre os pontos 3 e 5, registrando a maior média: 3,62. Para o índice *moradia em relação à favela*, a concentração está entre 3 e 4 e também apresenta a maior média: 3,22. Além disso, a análise estatística indicou diferenças significativas entre *pra tu* e *pra você* nos dois índices em questão (*moradia em relação ao subúrbio*: $\chi^2 = 4,53$, $p < 0,001$; *moradia em relação à favela*: $\chi^2 = 4,55$, $p < 0,001$). Da mesma maneira, houve diferenças significativas entre *pra tu* e *pra ti* nos dois índices (*moradia em relação ao subúrbio*: $\chi^2 = 6,90$, $p < 0,001$;

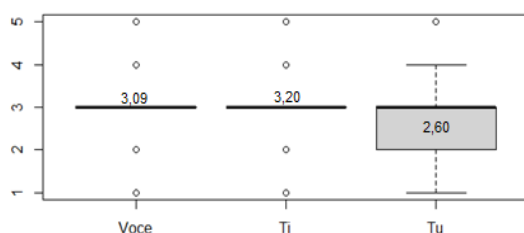
moradia em relação à favela: $\chi^2 = 6,90, p < 0,001$).

Dessa forma, vemos que as variantes *pra você* e *pra ti* não foram claramente associadas a *morar perto/longe do subúrbio*, embora tenham sido associadas a *morar fora de favela*. Por outro lado, *pra tu* teve associação clara com *morar no subúrbio* e *em favela*, o que indica que a variante está relacionada a certo estigma social, sendo indexicalizada a classes sociais mais baixas.

5.2.2 Poder aquisitivo e escolaridade

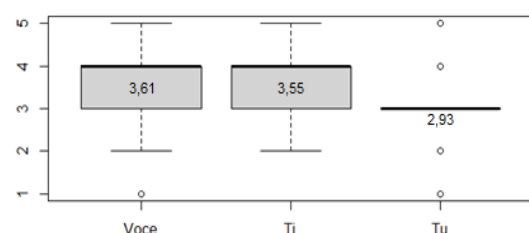
Ainda buscando investigar a relação entre as variantes e as percepções em relação a questões de classe social, propusemos os índices *Ter pouco/muito dinheiro* e *Ter pouco/muito estudo*. Dessa forma, pretendíamos verificar se os participantes associariam os falantes a perfis sociais mais ou menos abastados e/ou instruídos a depender da variante preposicionada de 2SG produzida nos áudios. O ponto 1 da escala correspondia a *ter pouco dinheiro* e *pouco estudo*, e o ponto 5, a *ter muito dinheiro* e *muito estudo*. Esperávamos que a variante *pra você* seria percebida de forma neutra, a variante *pra ti* seria mais associada a *ter mais dinheiro* e *mais estudo* e a variante *pra tu*, a *ter menos dinheiro* e *menos estudo*. Apresentamos, nas figuras 5 e 6, os resultados com relação a essas escalas.

Figura 5. Distribuição da escala *Ter pouco / Ter muito dinheiro*



Fonte: elaboração própria

Figura 6. Distribuição da escala *Ter pouco estudo / Ter muito estudo*



Fonte: elaboração própria

A análise dos gráficos indica que as variantes *pra você* e *pra ti* foram avaliadas de forma bastante similar. Para o índice *ter pouco/muito dinheiro*, houve expressiva concentração de notas 3, ou seja, o ponto central da escala, que não revela uma

associação clara com os índices em foco. Já em relação a *ter pouco/muito estudo*, a concentração fica entre os pontos 3 e 4, com maior associação a *ter mais estudo*. Na análise estatística, foi observado que não houve diferenças significativas entre *pra você* e *pra ti* nos dois índices (*ter pouco/muito dinheiro*: $\chi^2 = 0,90$, $p = 1$; *ter pouco/muito estudo*: $\chi^2 = 1,00$, $p = 0,3$).

A variante *pra tu*, por outro lado, apresenta uma avaliação diferente das demais. Para o índice *ter pouco/muito dinheiro*, há concentração entre os pontos 3 e 2 da escala, com a menor média (2,60). Dessa forma, verificamos uma associação com *ter pouco dinheiro*. Em relação ao índice *ter pouco/muito estudo*, há concentração no ponto central da escala e, novamente, a menor média (2,93). A análise estatística indicou haver diferenças significativas entre *pra tu* e *pra você* nos dois índices em questão (*ter pouco/muito dinheiro*: $\chi^2 = 5,56$, $p < 0,001$; *ter pouco/muito estudo*: $\chi^2 = 7,31$, $p < 0,001$). Da mesma maneira, houve diferenças significativas entre *pra tu* e *pra ti* nos dois índices (*ter pouco/muito dinheiro*: $\chi^2 = 6,48$, $p < 0,001$; *ter pouco/muito estudo*: $\chi^2 = 6,31$, $p < 0,001$).

Assim, percebemos que, com as variantes *pra você* e *pra ti*, não houve associação a ter mais ou menos dinheiro, mas houve associação a ter mais estudo. Em contrapartida, a variante *pra tu* foi mais associada a ter menos dinheiro, não sendo claramente associada a ter mais/menos estudo como ocorreu com as demais.

5. 3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir do questionário de *matched-guise* revelam que os participantes percebem as três variantes preposicionadas de 2SG em análise de maneiras distintas. Conforme ilustraram os gráficos reproduzidos na seção anterior, houve associações de ordem sociolinguística com os cinco índices explorados neste artigo: identidade carioca, moradia em relação ao subúrbio, moradia em relação à favela, poder aquisitivo e escolaridade. Comentamos nesta seção os achados principais, confrontando-os com pesquisas anteriores.

Em relação ao índice *identidade carioca*, os resultados obtidos demonstram que a presença das variantes *pra você* e *pra tu* levou os falantes a serem percebidos

como mais cariocas, isto é, como “autênticos membros” da comunidade de fala da cidade do Rio de Janeiro, enquanto em enunciados com a variante *pra ti*, os falantes foram percebidos como menos cariocas. Este resultado confirma as nossas previsões e vai ao encontro dos estudos de *corpora* anteriores, que apontam para o desaparecimento da forma preposicionada *ti* na variedade carioca (Oliveira, 2014; Silva, 2020) e se aproximam do resultado de Carvalho (2019) para a posição de sujeito. Dessa forma, encontramos evidências de que existem similaridades entre a percepção das variantes preposicionadas de 2SG *pra você* e *pra tu* e as variantes *tu* e *você* como sujeito.

Em relação aos índices referentes à classe social, encontramos evidências que se alinham parcialmente às nossas previsões. Diferentemente do que era esperado, a presença das variantes *pra você* e *pra ti* nos áudios foi avaliada de maneira bastante similar, não havendo associação clara aos extremos das escalas de *morar longe do/no subúrbio* e *ter pouco/muito dinheiro*, mas com maior associação aos índices *morar fora da favela* e *ter muito estudo*. Por outro lado, de forma mais alinhada às nossas previsões, a variante *pra tu* foi mais associada a *morar no subúrbio, em favela* e *ter pouco dinheiro*. Com relação ao índice de escolaridade, a avaliação dos participantes se concentrou no ponto central da escala, porém, ainda assim, ficou abaixo das escolhas observadas para as demais variantes.

Sendo assim, consideramos que, de forma geral, a variante *pra tu* é mais associada a significados sociais vinculados às classes sociais mais baixas do que as variantes *pra você* e *pra ti*, que ora são vistas de maneira mais neutra, ora são mais associadas aos significados sociais vinculados às classes sociais mais altas. Este resultado dialoga com os dados de Firmo e Oliveira (2024), que identifica o uso de *preposição + tu* na fala de personagens afastadas das áreas consideradas nobres da cidade do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na discussão apresentada a partir dos resultados gerais do questionário, podemos concluir que as variantes preposicionadas de 2SG não são percebidas da mesma maneira por falantes da comunidade carioca. Em uma primeira análise, delimitando como recorte apenas os sintagmas introduzidos pela preposição *pra*, foi possível observar que as variantes apresentadas são associadas a diferentes significados sociais, sobretudo na construção inovadora *pra tu*.

Conforme pontuamos, as variantes *pra você* e *pra tu* são claramente associadas à identidade carioca, contudo, apenas *pra tu* é mais associada aos significados sociais vinculados às classes sociais mais baixas. A variante *pra ti*, por outro lado, é claramente associada a ser *pouco carioca*, em consonância com os estudos de *corpora*. No entanto, a sua percepção em relação aos significados sociais vinculados à classe social é bastante similar ao observado para a variante *pra você*. Essa percepção registrada pelos participantes certamente demandará novas análises, nas quais possamos investigar, por exemplo, a que perfis sociais de falantes os participantes do Rio de Janeiro associam o uso de *pra ti*.

Apesar das limitações que se colocam em estudos de percepção sociolinguística, dada a necessidade de selecionar fatores específicos para a construção do experimento, sublinhamos a importância e a necessidade de estudar fenômenos variáveis em perspectiva experimental. Além de complementar os estudos de produção, cujo foco é analisar como os falantes utilizam a língua, as pesquisas sobre percepção podem fornecer evidências sobre variantes que, em alguns casos, são raras nos *corpora* de língua falada e escrita, tal como ocorre com a variante *preposição + tu*. Desse modo, explorando como os falantes percebem o uso da língua, é possível compreender as diferenças quantitativas verificadas nos bancos de dados.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JUNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARVALHO, B. B. A. de. *O que você acha do uso de tu?: a percepção da variação dos pronomes de 2SG no dialeto carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2019.

DRAGER, K. Experimental Methods in Sociolinguistics. In: HOLMES, J.; HAZEN, K. (Org.). *Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide*. Willey Blackwell; Willey Blackwell; 2014.

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.114-132, 2017.

FIRMO, J. V. G.; OLIVEIRA, T. L. de. *Entre cenas e variações: a expressão pronominal de 2Sg em telenovelas contemporâneas*. Comunicação apresentada em: Corpus Approches to Grammar and Discourse, Rio de Janeiro, 2024.

HALL-LEW L.; MOORE E.; PODESVA R.J. (org), *Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave*. Cambridge University Press; 2021.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008 [1972].

LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, p. 44, 1960.

LIMA, Y. D. R. *A escrita digital de cariocas e a variação pronominal tu vs você*. Revista da Abralin, 2013.

LOPES, C. R. dos S. et al. A Reorganização no Sistema Pronominal de 2ª Pessoa na História do Português Brasileiro: Outras Relações Gramaticais. In: LOPES, C. R. dos S. *Mudança Sintática das Classes de Palavra: Perspectiva Funcionalista, História do Português Brasileiro, Vol. 4*. São Paulo: Contexto, 2018.

MACHADO, A. C. M. *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Letras (Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, T. L. de. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, p. 318-336, abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i1.3100>. Acesso em 12 nov. 2024.

SILVA, T. F. T. de A. *Lembro de você; preciso de ti: uma análise diacrônica das variantes oblíquas de 2SG na escrita epistolar fluminense*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2020.

SOUZA, J. P. F. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

WENREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].